

ENTREVISTA COM DEBORAH LUPTON

ENTREVISTA CON DEBORAH LUPTON

INTERVIEW WITH DEBORAH LUPTON



Deborah LUPTON¹
e-mail: d.lupton@unsw.edu.au
Maycon NoreMBERG SCHUBERT²
e-mail: maycon.schubert@gmail.com
Marília Luz DAVID³
e-mail: marilia.david@ufrgs.br
Daniel Coelho de OLIVEIRA⁴
e-mail: daniel.oliveira@unimontes.br
Arthur Saldanha dos SANTOS⁵
e-mail: arthursaldanha.ufrgs@gmail.com

Como referenciar este artigo:

LUPTON, D.; SCHUBERT, M. N.; DAVID, M. L.; OLIVEIRA, D. C.; SANTOS, A. S. Entrevista com Deborah Lupton. *Rev. Cadernos de Campo*, Araraquara, v. 23, n. esp. 1, e023011. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v23iesp.1.18350>



| Submetido em: 04/07/2022
| Revisões requeridas em: 06/02/2023
| Aprovado em: 08/03/2023
| Publicado em: 23/08/2023

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Aline Cristina Ferreira
Prof. Me. Mateus Tobias Vieira
Prof. Me. Matheus Garcia de Moura

¹ The University of New South Wales (UNSW), Sydney – Australia. Professora do *Centre for Social Research in Health and the Social Policy Research Centre*.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Professor Adjunto no Departamento de Sociologia.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Professora Adjunta do Departamento de Sociologia.

⁴ Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros – MG – Brasil. Doutor em Ciências Sociais. Professor do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES.

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Atualmente realiza pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS.

O seu trabalho é muito importante para nossa pesquisa, aqui no Brasil. Então essa é uma ótima oportunidade para a gente te escutar e saber um pouco mais sobre o seu trabalho. Talvez a gente possa começar a fazer nossa pergunta introdutória, especialmente para os leitores que não estão familiarizados com o seu trabalho. Gostaria que você falasse um pouco sobre a sua carreira e interesses de pesquisa. Como você entrou para ciências sociais e, particularmente, como você começou sua pesquisa em sociologia digital, cultura alimentar digital e ativismo alimentar no meio online?

Sim. Essa é uma grande questão. Então, o meu interesse nas ciências sociais começou no Ensino Médio. Eu sempre tive interesse em matérias como história e literatura inglesa. Sempre li muita ficção literária, eu estava realmente interessada era nos aspectos da dimensão cultural da vida das pessoas. Estudar ciências sociais e literatura inglesa no Ensino Médio, eu acho que, na verdade, tem uma forte relação entre as áreas, pois ambas entendem a vida das pessoas, experiências e sentimentos. De qualquer modo, quando eu entrei na Universidade, eu comecei a estudar novamente ciências sociais, literatura inglesa e antropologia. Estudei um pouco de biologia humana, porque eu sempre fui interessada em biologia. Durante a escola, fui uma ótima aluna de biologia, assim como das ciências humanas. Além disso, estudei um pouco da biologia humana no primeiro ano da universidade, nisso, em vez de antropologia cultural, converti meu estudo em biologia antropológica no meu trabalho final de graduação. Me formei em bacharel em artes, sociologia e literatura inglesa. Portanto, eu acho que eu sempre tive esse interesse em estudar sociologia e antropologia relacionado à saúde, doenças e a saúde pública.

Teve um tempo, no meio dos anos 80, quando o HIV foi, você sabe, foi a primeira década da AIDS. Então, o primeiro caso de HIV identificado foi em 1981. Nessa época, foi quando começou a se preocupar com isso. Quando o primeiro caso foi apresentado, infelizmente, como você sabe, teve muita estigmatização, principalmente dos homens homossexuais, mas também foram estigmatizados grupos marginalizados como usuários de drogas injetáveis. Pessoas que contraíram HIV e acabavam morrendo, infelizmente, porque não havia cura para isso nos anos 80. Mas quando, pelo menos na Austrália e, alguns países similares a Austrália que tinham o inglês como idioma oficial, como o Reino Unido, Estados Unidos e Canadá, nos anos 80, esses países começaram a se preocupar e incluíram a todos como grupo de risco para contrair HIV, tanto os homossexuais quanto heterossexuais.

Muitos cidadãos australianos direcionaram sua atenção para os potenciais riscos associados à contração do vírus do HIV e da AIDS. Subsequentemente, dediquei-me a uma pesquisa aprofundada sobre as atitudes manifestadas por indivíduos heterossexuais portadores do HIV/AIDS. Posteriormente, prossegui com a realização de um mestrado em Saúde Pública. Ao iniciar esse percurso acadêmico, aprendi sobre epidemiologia, bioestatística, economia da saúde e promoção da saúde. Mas, como alguém que veio originalmente das ciências sociais, cheguei com um olhar muito crítico, diferente de outros estudantes que vieram das ciências da saúde.

Esses colegas buscavam uma reconversão profissional visando ingressar no campo da saúde pública, notadamente em áreas como medicina, enfermagem ou similares. Eu, como alguém crítica, tendo formação em ciências sociais, não podia acreditar no tipo de suposições sobre comportamentos humanos que nos foi ensinado sobre promoção da saúde. Diziam que “o povo é ignorante”, “as pessoas precisam de estímulo”, “necessitam de educação”, “precisam de persuasão” para se tornarem cidadãos saudáveis. Naquela época, dado o meu envolvimento com a teoria da codificação, estabeleci conexões entre a obra de Michel Foucault e conceitos ligados à individualidade, tais como o autogerenciamento e a governabilidade, e explorando a intersecção desses conceitos com o funcionamento da saúde pública, observei como essa área operava por meio do estímulo à autorresponsabilização.

Então, finalizei o mestrado em Saúde Pública e continuei na Faculdade de Medicina para fazer meu doutorado, onde estudei através das ciências sociais e da análise do discurso, como a imprensa australianiana retratava o HIV e a AIDS. Procurei trazer todo meu conhecimento anterior que eu tinha nesse assunto, mas continuando no contexto da saúde pública. E então, sim, foi isso que fiz na minha tese de doutorado. Quando terminei, consegui meu primeiro emprego como professora, lecionando na área da comunicação da saúde, em uma escola de comunicação e estudo de mídia. Desde então, tenho trabalhado na comunicação da saúde pública, estudos de mídia, sociologia e estudos culturais. Foram perspectivas diferentes que tive na minha formação, e isso me moveu para diferentes tipos de disciplinas. Portanto, sempre fui interdisciplinar. Agora tenho interesse no lado digital das coisas. Enfim, basicamente minha formação é em sociologia da saúde e medicina.

Tenho idade suficiente para recordar vividamente a aquisição dos computadores originais da Apple pela biblioteca da Universidade, ocasião em que reservamos uma sala especial para a sua utilização. Naquela época, esses computadores se assemelhavam a processadores de texto aprimorados. Anteriormente, a escrita era realizada manualmente ou por

meio de máquinas de escrever, correto? De forma abrupta, surgiu este magnífico processador e nos foi permitido agendar seu uso. Dispúnhamos de uma hora para redigir nossas atribuições e imprimi-las de modo elegante. À medida que os computadores pessoais passaram a se popularizar e o e-mail foi introduzido, começamos a utilizá-los, provavelmente nos primórdios da década de 90. Inicialmente, passamos a empregar computadores pessoais para elaborar planilhas, redigir textos e acessar o e-mail. Ademais, durante um período em que a internet ainda não havia sido estabelecida, restringíamos o uso desse sistema tecnológico ao ambiente do escritório.

Fiquei significativamente intrigada por este tópico, uma vez que meu interesse profundo pelo corpo humano e suas interações com o ambiente natural ressalta-se de maneira notável. Consequentemente, comecei a discernir um apreço por vírus, como exemplificado pelo caso do HIV, um agente viral. Meu interesse específico direcionou-se para a compreensão das representações metafóricas associadas aos vírus em minha pesquisa concernente ao HIV/AIDS. Em meados dos anos 90, testemunhou-se uma crescente inquietação no âmbito dos vírus informáticos, juntamente com a propagação potencial dessas entidades entre os dispositivos. Naquela época utilizava disquete, pois os computadores não estavam realmente conectados uns aos outros. Surgiu, assim, o fenômeno de compartilhamento de disquetes infestados por vírus entre computadores, instigando analogias metafóricas. A pesquisa empreendida concentrou-se na exploração da dinâmica que molda nossa compreensão sobre a interação dos nossos corpos com os computadores pessoais, delinear o paralelo entre a concepção dos nossos computadores afligidos por vírus e a percepção dos nossos corpos acometidos por enfermidades.

Estava consolidando toda a minha experiência sociológica, a qual abrangia o âmbito da sociologia digital, embora naquela época não utilizássemos a nomenclatura “sociologia digital”, mas sim termos como “ciberespaço”, “cibercorpos” ou “cibermundo”. Você sabe, era tudo muito cibernético na década de 1990. Então comecei a escrever. O meu interesse pela saúde efetivamente convergiu para uma atração direcionada à computação digital. Nesse contexto, empreendi um projeto que investigava a maneira pela qual as pessoas incorporavam seus computadores pessoais nas esferas profissional e doméstica de suas vidas. Foi dessa maneira que meu interesse se aprofundou em relação a esses aspectos inerentes à utilização cotidiana de tecnologias digitais, no tocante à saúde, bem como a outros elementos relacionados à vida cotidiana.

Estamos curiosos para saber quando a comida começou a fazer parte do seu interesse de pesquisa. Você contou muitas coisas para gente, como o cuidado da saúde, tecnologia, acredito que é uma ótima introdução para te conhecer um pouco mais. Mas, quando estudar alimentação começou a ser um assunto interessante para você?

Em virtude do meu interesse na saúde pública e promoção da saúde, pude observar acentuada ênfase no papel da dieta na manutenção da saúde. As orientações acerca do que se deve ou não consumir para promover o bem-estar têm sido amplamente destacadas. Este contexto incitou-me, nos meados da década de 1990, a empreender um projeto de pesquisa. Meu intento era investigar a percepção do público acerca do risco associado à alimentação e sua compreensão das diversas mensagens de promoção da saúde, as quais instruem sobre escolhas alimentares saudáveis. Realizei entrevistas com pessoas na Austrália sobre seus entendimentos sobre comida e risco. Um episódio que atraiu atenção foi a questão da doença da vaca louca, a qual, embora não tenha afetado a Austrália, tornou-se um tema amplamente abordado nos meados da década de 1990, especialmente no Reino Unido. Na Austrália, tivemos nossos próprios incidentes que suscitaram preocupação pública, tais como casos de intoxicação alimentar e discussões sobre os riscos associados ao consumo de alimentos contendo pesticidas. Na verdade, eu escrevi um livro chamado “*Food, The Body and the Self*”⁶ que foi publicado em meados dos anos 90, acho que foi em 1998 ou 1997. O livro se fundamentou em uma série de entrevistas que realizei com cidadãos australianos, abordando a temática do risco alimentar e, não menos importante, as memórias que se entrelaçam com a alimentação. Empreguei uma metodologia denominada “trabalho de memória,” na qual solicitei aos participantes que registrassem suas recordações relacionadas a alimentos. Como pesquisador social, meu escopo consistiu em discernir os aspectos verdadeiramente relevantes dentro das memórias alimentares.

No âmbito deste livro, “*Food, the Body and the Self*”, destaquei questões pertinentes à nostalgia e à infância, além dos valores que as pessoas atribuem à alimentação. O livro também resultou na publicação de um artigo em periódico, consolidando assim os resultados de minha pesquisa. No mesmo período, ou seja, nos meados da década de 1990, atuei de forma abrangente, amalgamando interesses variados. Foi um momento em que me vi enredada em

⁶ Em português “Comida, o corpo e o eu” (*Tradução nossa*)

reflexões acerca da alimentação, do corpo e da identidade, temas que encontraram expressão no título do meu livro.

Talvez haja interesse em compreender como eu estabeleci a ligação entre a mídia digital e a temática da alimentação. Nesse contexto, é digno de nota que me afastei da academia por um longo período a fim de dedicar-me à criação de meus filhos. Entre os anos de 2005 e 2010, desvinculei-me integralmente da universidade, abrindo espaço para outras atividades. Minha reintegração à universidade ocorreu em 2011. Ao reassumir minha posição, deparei-me com o crescente papel desempenhado pela mídia digital no âmbito da promoção da saúde. O cenário contemplava aplicativos, dispositivos vestíveis, pesquisas on-line por meio do Google e uma série de tecnologias que emergiram durante minha ausência no meio acadêmico. Fóruns de discussão digital ganharam relevância, acompanhados do interesse por aplicativos e dispositivos inteligentes com fins de promoção da saúde. Diante desta panorâmica, decidi adentrar novamente este âmbito, suscitando meu interesse na interseção entre mídia digital e saúde. Basicamente, entrei novamente naquele mundo e pensei - Uau, isso é interessante! Então comecei a fazer muitas pesquisas sobre saúde digital, ocorrendo, ao mesmo tempo, a chamada epidemia de obesidade.

A epidemia tornou-se um tópico de interesse na saúde pública e nos círculos médicos desde o final dos anos 1990 até o início dos anos 2000, provavelmente o mesmo aconteceu no Brasil. Imagino que isso tenha ocorrido no mundo todo. Muitos governos e agências de saúde pública começaram a alertar sobre essa epidemia. O interesse de longa data que nutro pela alimentação, pelo corpo, pela saúde, assim como pela estigmatização, marginalização e as complexas relações com a forma e o peso corporal, direcionou minha atenção para os discursos e significados associados à “crise da obesidade”.

Então, elaborei meu livro intitulado “*Fat*”⁷, no qual explorei todas essas temáticas. Contudo, é importante ressaltar que essa abordagem está intrinsecamente ligada ao meu interesse prévio na representação de alimentos como fator de risco. Nesse contexto, comecei a direcionar minha atenção ao espaço digital, investigando o emprego de aplicativos, dispositivos móveis, plataformas de redes sociais e websites para retratar corpos de maneira específica. Essas representações abrangiam desde corpos excessivamente magros, frequentemente vinculados a práticas de restrição alimentar, até corpos significativamente volumosos, muitas vezes associados à ganância e à culpabilidade moral devido ao tamanho e forma.

⁷ Em português “Obesidade” (*Tradução nossa*).

Subsidiariamente, produzi textos sobre a representação de corpos no ambiente digital, enfocando a relação entre peso corporal e hábitos alimentares. Esses diversos âmbitos de interesse foram, mais uma vez, convergindo.

No tocante ao ativismo alimentar, realizei pesquisas concernentes à impressão 3D, motivada também pelo meu interesse pela inserção das tecnologias digitais. Em um passado recente, quando o fervor em torno desse campo havia diminuído ligeiramente, observei a aplicação de tecnologias de impressão 3D na produção de itens alimentares. Isso culminou em um projeto específico, no qual examinei de que maneira as tecnologias de impressão 3D, frequentemente adotadas por chefs em estabelecimentos culinários de alta sofisticação, podiam ser interpretadas como uma inovação no que concerne à apresentação estética de pratos e refeições. Durante essa análise, percebi que havia um interesse crescente no discurso acerca da impressão 3D de alimentos, especialmente em relação à redução do desperdício alimentar e à busca por alternativas alimentares sustentáveis, como o emprego de algas ou insetos, cuja aceitação culinária era viabilizada pela aplicação da tecnologia de impressão 3D. Deste modo, produzi escritos que abordavam como o imaginário em torno desses produtos, e a forma como eram apresentados, os delineava como alternativas aos alimentos que contribuem para a devastação ambiental e as mudanças climáticas. É incontestável que a degradação das paisagens naturais e os impactos derivados destas questões exacerbam a devastação que se observa globalmente, tanto no que diz respeito ao ecossistema natural quanto às mutações climáticas.

Nesse contexto, vislumbro que o cerne do ativismo alimentar reside nessa esfera. Chamo a atenção, particularmente, para o modo como a emergência da tecnologia digital e sua subsequente aplicação visam confrontar a degradação ambiental e explorar alternativas que promovam a segurança alimentar em locais afetados por essa problemática. É preciso reconhecer que não me debrucei profundamente sobre esse tópico, mas realizei uma análise preliminar. Minha colaboração na edição do livro junto a Zena Feldman, intitulado “Digital Food Cultures”⁸, propiciou um espaço para contribuições que exploram diversas iniciativas de ativismo alimentar.

Lupton, iremos retornar em algumas questões relacionadas ao que você disse, podemos pedir alguns exemplos também. Mas a primeira coisa que eu gostaria de saber sobre o estudo da sociologia digital é, na sua opinião, quais são os avanços que esses estudos

⁸ Em português “Culturas alimentares Digitais” (*Tradução nossa*)

trouxeram para a teoria contemporânea e quais são os principais desafios que ela enfrenta hoje? Como, por exemplo, o que ela enfrenta em relação a questões éticas, o uso de algoritmos, novas metodologias e relacionamento social. Portanto, na sua opinião, quais são os principais desafios e contribuições que a sociologia digital trouxe também para a teoria social?

Mencionei que em meu trabalho prévio empreguei extensivamente a teoria “*codeine theory*”, a qual despertou em mim um interesse significativamente mais acentuado pela dimensão material da existência. A emblemática metáfora do “panóptico”, tal como utilizada em suas abordagens teóricas, ressaltou as dimensões materiais intrínsecas ao asilo e ao sistema prisional. Cumpre salientar que não estou sugerindo que a teoria da codificação já incorporasse uma discussão imbuída de lugar, espaço e objetos. Entretanto, concentrei-me de maneira mais intensa nessas dimensões, em um contexto que é denomino de “mais do que humano”. Embora alguns empreguem o termo “pós-humano”, tenho preferência pela expressão “mais do que humano”. Conseqüentemente, em meus escritos recentes, que versam não apenas sobre alimentação, mas também sobre dispositivos digitais e mídia em sua generalidade, esforço-me para compreender o que designo como dimensões “mais do que digitais” na vida das pessoas. Desse modo, sempre que os indivíduos interagem com dispositivos ou softwares digitais, essas interações ocorrem em um contexto de lugar e espaço, em relação a outras pessoas, seres vivos e objetos presentes nesse âmbito que não são de natureza digital. Os corpos humanos, invariavelmente, fazem parte de ambientes que transcendem o digital. Penso que, por vezes, no campo da sociologia digital, pode-se incorrer na excessiva concentração no aspecto digital, negligenciando que as tecnologias digitais são sempre utilizadas em um contexto de lugar e espaço e não se restringem, necessariamente, ao domínio online.

Tomemos como exemplo minha pesquisa envolvendo indivíduos que monitoram suas atividades de ciclismo através de dispositivos digitais, como “*smartwatches*” ou aplicativos em seus dispositivos móveis, bem como computadores de bicicleta acoplados às próprias bicicletas. Nesse cenário, enquanto se deslocam através de diferentes lugares e espaços em suas bicicletas, a bicicleta enquanto objeto em si não possui uma natureza digital. No entanto, por meio do emprego de ciclocomputadores ou aplicativos que registram os movimentos da bicicleta no espaço e lugar, como a quilometragem percorrida, os ciclistas digitalizam suas experiências. Vale destacar que esses deslocamentos ocorrem no contexto de lugares e espaços que envolvem a interação com outros ciclistas, pedestres e veículos automotores nas vias. Dessa forma, o

constante movimento pelo espaço e lugar durante o trajeto de bicicleta resulta na geração de dados digitais. Além disso, essa dinâmica inclui interações com outros seres vivos, como pássaros e cães, que podem cruzar o caminho dos ciclistas e necessitam ser evitados. Igualmente, a presença eventual de poluição do ar compõe uma variável adicional. A atividade de rastreamento das atividades de bicicleta, portanto, é caracterizada por uma dimensão consideravelmente mais ampla do que o mero aspecto digital. Este exemplo, entretanto, apenas representa um entre muitos. O conceito pode ser aplicado a qualquer forma de utilização de dispositivos e mídia digitais.

Faço uso frequente do feminismo materialista, referenciando autoras como Karen Barad, Rosie Bray e Dotty Donna Haraway, bem como o trabalho de Jane Bennet, sobretudo em seu livro “*The Power*”⁹. Essas quatro teóricas desempenham um papel fundamental em minha abordagem, e é notável que eu recorra consistentemente às contribuições de seus trabalhos. No entanto, é imperativo reconhecer que essas teóricas provêm de uma origem racial branca e desfrutam de privilégios no contexto do Norte Global, assim como eu. Um ponto crítico levantado em relação a elas é a potencial negligência em relação aos milênios de sabedoria e conhecimento presentes nas culturas originárias, que os povos indígenas possuem acerca do mundo. Na Austrália, ostentamos a mais longa cultura contínua de nossos povos originários, em específico, o povo aborígine australiano. O reconhecimento e a incorporação do conhecimento detido por essas comunidades se revelam cruciais em trabalhos recentes. Portanto, mergulhei profundamente na leitura de obras detentoras do saber indígena, englobando perspectivas teóricas que se estendem além das fronteiras da Austrália, sempre que as barreiras linguísticas não me limitavam. Lamentavelmente, meu domínio linguístico abrange apenas o inglês, limitando minha compreensão das obras redigidas em outros idiomas. Entretanto, é inegável que o campo da teoria social apresenta uma predominância de origem colonial, em detrimento da representação de perspectivas teóricas oriundas das culturas originárias.

Acredito que todos nós devíamos dedicar mais atenção a essa perspectiva, pois há muito a aprender com o conhecimento detido pelas comunidades indígenas. No âmbito do meu próprio trabalho, empenho-me em incorporar essas abordagens teóricas em conjunto com a pesquisa empírica. Também manifesto um interesse pelo emprego de métodos inovadores e criativos no desenvolvimento de estudos. Recentemente, tenho explorado diferentes abordagens, como a

⁹ Em português “O poder” (*Tradução nossa*)

escrita criativa, a expressão artística e a criação de zines. Essas distintas maneiras de análise permitem examinar como as pessoas interagem com o ambiente digital e, mais significativamente, com o mundo para além das esferas humanas. Este âmbito de exploração tem despertado grande entusiasmo em mim, sobretudo no que tange às exposições. No momento, estou em processo de elaboração de duas exposições que se dirigem ao público em geral. Minha abordagem compreende a utilização da criação artística como veículo, com foco em exposições museológicas. Esta estratégia representa um novo paradigma de pesquisa, tradução e envolvimento com audiências para além do contexto acadêmico. A expectativa em relação a ambas as exposições é extremamente positiva, sendo que uma delas é intitulada “*The More than Human Wellbeing Exhibition*”¹⁰. Nesta mostra, apresento resultados de pesquisas recentes que desembocaram na criação de obras artísticas e, adicionalmente, na produção de um filme a ser exibido.

Um dos projetos nos quais tenho investido meu esforço é um documentário em vídeo, cujo processo tem me proporcionado aprendizado substancial. De fato, sinto-me especialmente entusiasmada com este documentário, uma vez que evito a monotonia das rotinas. Minha inclinação reside em experimentar novas abordagens, e a segunda exposição na qual estou envolvida está vinculada a uma orientadora de doutorado, que também é socióloga e artista. Nossa investigação concentra-se na estranheza dos robôs de atendimento, resultando na exposição “*Living with Animal Robots*”¹¹. O tema aborda os dispositivos robóticos em forma de animais, os quais são empregados tanto em contextos de cuidado – a exemplo das focas brancas utilizadas em lares para idosos ou pessoas com demência, uma prática consolidada há mais de duas décadas – quanto em situações de entretenimento e companhia, como os cães robóticos. No âmbito dessa exposição, está planejada a apresentação de uma variedade de robôs animais, acompanhada pela contribuição de artistas na criação de obras de arte. Além disso, conduziremos pesquisas aplicadas que viabilizarão a interação das pessoas com esses robôs animais, fomentando discussões acerca das sensações e relações que estabelecem com tais dispositivos. É com projetos dessa natureza que estou profundamente envolvida no presente momento.

Este conteúdo também está conectado ao meu novo livro intitulado “*The internet of Animals*”¹², que será lançado no ano de 2023. Portanto, é essa a atividade à qual estou

¹⁰ Em português “Exibição Mais do que Bem-Estar Humano” (*Tradução nossa*)

¹¹ Em português “Vivendo com animais robôs” (*Tradução nossa*)

¹² Em português “A internet dos animais” (*Tradução nossa*)

atualmente dedicada. Em relação à saúde digital dos seres humanos, é evidente que estes constituem o epicentro das considerações relativas à saúde digital. Contudo, aprofundando a análise da saúde digital humana, emerge uma perspectiva que contempla tanto o bem-estar dos indivíduos quanto do planeta. Estou convicta de que a saúde digital se expandirá para englobar muito além do cuidado e do bem-estar da espécie humana, abrangendo igualmente o cuidado e o bem-estar de outras formas de vida, do ecossistema e do meio ambiente como um todo.

No contexto do meu livro, *“The internet of Animals”*, o subtítulo escolhido é *“Human Animal Relationships in the Digital Age”*¹³. Consequentemente, a minha investigação aborda não apenas robôs animais, mas também se estende ao campo da agricultura inteligente, onde a monitorização do gado, por exemplo, é realizada mediante a utilização de drones, dispositivos vestíveis e tecnologias de detecção avançada. Observo minuciosamente como animais de companhia, como cães e gatos, estão cada vez mais sob vigilância por meio de aplicativos e dispositivos vestíveis. Dessa forma, emerge uma convergência entre os métodos de digitalização e monitorização empregados em relação às crianças e aqueles utilizados para os animais de companhia. O meu enfoque alcança os domínios dos jogos, englobando não somente animais presentes em aplicativos de entretenimento, mas também os inseridos em jogos de console. Essa é a perspectiva que delineio no meu livro. A exposição centrada em animais robôs, portanto, é uma manifestação direta das temáticas tratadas na obra que estou prestes a lançar.

Sua pesquisa e o seu livro *“The internet of Animals”*, são incríveis! Eu não sabia que você estava escrevendo este livro e, não sei se o Maycon estava sabendo, mas é incrível! Eu tenho um monte de comentários a fazer sobre como a sociologia digital pode trazer novas formas de fazer sociologia pública de uma maneira mais significativa por meio de exposições de arte, como você mencionou, e até mesmo a forma como podemos apresentar online, as pesquisas que temos feito nas redes sociais, etc. Então, de qualquer forma, eu não quero pegar muito do seu tempo, então vou focar no tema das culturas alimentares digitais. Portanto, a primeira pergunta que temos é: quais tópicos ou agendas de pesquisa você acha que, atualmente, são os mais críticos e urgentes nos estudos digitais de alimentos?

¹³ Em português "Relações humanas e animais durante a era digital" (*Tradução nossa*)

Vamos retomar a discussão do livro intitulado “*The internet of Animals*”, uma vez que o campo da agricultura inteligente guarda uma nítida relação com a produção de alimentos a partir dos animais destinados ao consumo. Como resultado, nos círculos agrícolas, existe uma crescente ênfase na adoção de tecnologias inteligentes para a monitorização do gado. Nesse contexto, suscita-se a necessidade não somente de uma sociologia digital, mas também de uma ética digital. Em outras palavras, o tema central subjacente ao meu livro é a objetificação dos animais. Através dessa obra, sustentei que quanto mais procedemos à digitalização e à geração de dados, seja para a produção alimentar ou outros propósitos, mais instrumentalizamos nossa relação com os animais. É notável que a perspectiva humana ainda privilegia o “humano”, relegando a um estigma tudo o que esteja relacionado aos seres animais. A diferenciação e segregação dos seres humanos dos demais animais, inclusive na nossa linguagem, propicia um ambiente no qual a digitalização e a despersonalização dos animais, particularmente no âmbito da produção de alimentos, promove uma distância cada vez mais acentuada entre nós e esses seres. Consequentemente, interações físicas e contato direto com esses animais são reduzidos.

Um exemplo disso são os sistemas de ordenha digitalizados, nos quais frequentemente há escassa interação humana com as vacas, uma vez que tais animais são inseridos em sistemas automatizados de ordenha, eliminando o toque humano. Ainda que essas práticas levantem, sem dúvida, considerações éticas acerca da exploração de vacas para a produção de leite, percebe-se que a ordenha tradicional mantinha uma relação incorporada e muitas vezes significativa entre os fazendeiros e seus animais. À medida que a digitalização se intensifica e robôs passam a realizar essas tarefas, a conexão entre seres humanos e animais tende a enfraquecer. Muitas vezes, esses métodos de monitorização digitalizada, embora identificados como focados na produtividade da fazenda, não têm primordialmente em vista o bem-estar do próprio animal, mas sim a rentabilidade econômica do produtor. Outro aspecto intrigante é a maneira pela qual os fazendeiros frequentemente utilizam as mídias sociais para retratar imagens ensolaradas de animais felizes em suas propriedades. Contudo, essas imagens omitem completamente as questões subjacentes relacionadas ao destino destes, quando direcionados para o abate. Esses animais aparentemente felizes são, em última instância, abatidos para o consumo humano ou para fins de lucro econômico.

Apresentei e discuti diversas questões provocadoras neste livro. Assim como muitos outros, percebi a maneira pela qual os animais são utilizados para propósitos terapêuticos. Nas redes sociais, é comum ver pessoas recorrendo a imagens adoráveis de animais de estimação

quando se sentem um pouco desanimadas. Por exemplo, existem os chamados “Pet Zoos¹⁴”. Embora não possua certeza se tal prática ocorre no Brasil, mas na Austrália, em instituições universitárias ou feiras comunitárias, são disponibilizados animais de estimação e de fazenda para que crianças e estudantes possam interagir e acariciá-los, com o objetivo de proporcionar bem-estar. Isso se assemelha a trazer gatinhos para universidades a fim de reduzir o estresse dos alunos durante os períodos de exames. No entanto, é importante considerar que essa abordagem também pode ser vista como uma objetificação dos animais, reduzindo-os a meros instrumentos terapêuticos para os humanos.

Outro aspecto abordado em meu livro é o ativismo animal. Um exemplo notável é o movimento PETA¹⁵, que luta contra a crueldade animal e frequentemente concentra-se no bem-estar dos animais. Um tópico em destaque é a criação de galinhas em fazendas, com considerações sobre a organização da produção de ovos ou de carne. O PETA utiliza estratégias digitais de mídia de maneira bastante perspicaz, alternando entre a exposição de animais felizes e adoráveis e a apresentação de animais submetidos a terríveis torturas. A organização tem obtido sucesso ao explorar o meio digital para fins de ativismo, e assim, sugiro que os especialistas em mídia digital que trabalham na área de alimentação examinem como essa abordagem específica tem sido efetiva. Contudo, é vital reconhecer também os dilemas éticos envolvidos, considerando as divergências que podem surgir em relação aos direitos das comunidades indígenas de manterem suas atividades tradicionais de caça. Muitas vezes, grupos de ativistas em defesa dos animais criticam e condenam essa prática. Por outro lado, as comunidades indígenas podem argumentar de forma convincente em favor de suas tradições de vida.

Acredito que existam algumas questões éticas que necessitam ser debatidas tanto no âmbito dos estudos das culturas alimentares digitais quanto nas instituições de pesquisa. Abordo essa temática no livro intitulado, “The internet of Animals”. É notório que as mídias sociais ainda concedem significativa ênfase a aspectos como corpos, dimensões e conformações físicas. Por um lado, observa-se um notável crescimento do ativismo em prol da positividade corporal, englobando a aceitação de uma variedade de formas corporais, inclusive aquelas categorizadas como “gordas”. No entanto, subsiste o persistente emprego das plataformas de mídia digital, tais como o Instagram, que continuam a representar determinados arquétipos de corpos considerados mais atrativos. Verifica-se o contínuo uso das mídias sociais,

¹⁴ Em português “Zoológico de animais de estimação” (Tradução nossa)

¹⁵ Pessoas para o Tratamento Ético dos Animais (PETA)

exemplificado pelo *Twitter*, para promover práticas extremas relacionadas a transtornos alimentares, muitas vezes utilizando hashtags específicas que reúnem pessoas engajadas nesse comportamento. Este aspecto se mostra particularmente intrigante, visto que tais indivíduos estão envolvidos com culturas digitais devido à sua própria luta contra distúrbios alimentares que resultam em extrema magreza, ameaçando-lhes a vida. Vale notar que recebem amplo apoio e engajamento por meio das mídias sociais, especialmente em plataformas como o *Twitter*, que não tendem a exercer um controle tão rigoroso sobre tais discursos quando observado em outras redes sociais, como o Instagram. É relevante ponderar sobre o futuro do *Twitter*, tendo em vista sua recente aquisição por parte de Elon Musk.

De toda forma, subjaz uma narrativa complexa. Por um lado, há indivíduos que enfrentam distúrbios alimentares e frequentemente encontram amparo e auxílio dentro dessas comunidades. Nesse sentido, destaco a presença de uma indagação ética de grande pertinência. Ademais, acredito que determinados padrões de práticas alimentares são promovidos de maneira mais acentuada do que outros. Há um movimento em prol da alimentação limpa, da paleodieta e de outras abordagens dietéticas e tendências alimentares que têm recebido notável impulso por intermédio das plataformas de mídias sociais. Além disso, considero o *TikTok* uma plataforma de considerável interesse, embora ainda carente de uma investigação aprofundada. Os indivíduos com interesse nas dinâmicas das culturas alimentares digitais tendem a dedicar uma parcela substancial de seu tempo ao *TikTok*, especialmente os mais jovens. Observo que entre essa demografia, floresce uma discussão culinária, ou melhor denominando, um diálogo acerca da culinária. O referido espaço apresenta uma ampla variedade de conteúdos sobre alimentos. No entanto, admito que é plausível a existência de conteúdo prejudicial relacionado a práticas alimentares. Embora eu pessoalmente não tenha conduzido uma pesquisa específica sobre o tema, estou ciente da presença tanto de conselhos culinários quanto de vídeos curtos que instruem na preparação de alimentos saudáveis, conteúdos que têm se mostrado proveitosos para muitos jovens. Diante disso, enfatizo a necessidade de que aqueles que se interessam pelas culturas alimentares digitais estejam atentos ao conteúdo veiculado nessas plataformas.

Há algumas questões pertinentes a serem discutidas sobre o ativismo alimentar no contexto do ativismo digital. Especificamente, é possível elaborar um conceito que aborde a caracterização desse tipo de ativismo, o engajamento das pessoas nele, as diferenças entre o ativismo digital e o ativismo tradicional, como aquele realizado nas ruas e nos movimentos sociais. Poderia fornecer algumas informações a respeito desses tópicos?

Novamente, acredito que as plataformas digitais emergentes têm ganhado popularidade, o que demanda a atenção dos ativistas, que precisam utilizá-las em benefício próprio. É plausível que o *TikTok* possa ser uma tendência futura, até que uma outra plataforma surja em algum momento.

Entretanto, é notório que frequentemente os jovens são os principais condutores do ativismo, seja ele ambiental, alimentar, ou de qualquer natureza. Observa-se que as mudanças climáticas, por exemplo, têm sido alvo de inúmeros movimentos conduzidos de forma astuta por jovens através do uso das mídias sociais. Acredito, portanto, que o *TikTok* pode ser efetivamente empregado como um meio de engajamento para aqueles que desejam participar de tais atividades. Outro aspecto positivo do *TikTok* reside em sua facilidade de uso para a produção de conteúdo próprio. A elaboração de um "*TikTok*" pessoal é consideravelmente mais simples para os jovens em comparação com a criação de imagens mais elaboradas, como aquelas presentes no *Instagram* e no *YouTube*. O *YouTube*, de fato, tem se mostrado uma ferramenta de grande valor, e mesmo tendo mencionado este fato previamente, é importante destacar que a plataforma tem sido bastante útil para alcançar um público vasto. Jovens também fazem uso considerável do *YouTube* para aprender a realizar tarefas diversas, desde consertos até culinária, tornando-se uma plataforma popular no cenário culinário.

Além do uso convencional pelos ativistas alimentares, existem outras possibilidades para ampliar a popularidade e uso do *YouTube*. Conduzi uma análise sobre vídeos relacionados à culinária na plataforma, considerando tanto aqueles que exploram culturas culinárias mais "exóticas" quanto aqueles voltados para a alimentação saudável e atividade física. Portanto, é crucial manter o interesse em uma diversidade de conteúdos, dado o caráter multifacetado do *YouTube*. Nesse contexto, é válido destacar as organizações já mencionadas, como a PETA e o movimento anti-crueldade animal, que têm suscitado debates substanciais em diferentes plataformas de mídia social.

Como seria possível delinear as definições de comida e ativismo digital alimentar? Gostaríamos de conhecer a sua perspectiva sobre o seu trabalho intitulado "*Digital Food Cultures*". É correto afirmar que a maior parte do livro está centrada em exemplos provenientes da Europa, Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia? Nesse contexto, qual é a sua opinião acerca das contribuições desse livro para o entendimento das culturas

alimentares digitais em uma escala global? Além disso, qual é o seu ponto de vista sobre a ampliação dessas investigações para outras regiões do mundo onde as realidades culturais e socioeconômicas diferem daquelas apresentadas no livro, como ocorre no continente africano e na América Latina?

De fato, a sua observação é inteiramente precisa. O enfoque do livro foi estabelecido a partir da perspectiva dos países de língua inglesa do hemisfério norte. Essa inclinação se deve, em parte, à origem dos dois simpósios que organizei em colaboração com Zena Feldman. Um desses simpósios foi realizado na Austrália, sob minha coordenação, enquanto o outro teve lugar em Londres, sendo organizado por Zena Feldman. A convocação para submissão de trabalhos foi direcionada, mas é evidente que a acessibilidade geográfica é uma barreira para muitos indivíduos, sobretudo quando se trata de viagens até a Austrália, considerando sua localização distante em relação a diversas partes do globo, incluindo o hemisfério sul e sudeste. Embora o escopo do livro seja global, é incontestável que existem oportunidades significativas para dar voz a perspectivas do hemisfério sul. A abordagem adotada no livro é de alcance global, embora se admita a necessidade de uma representação mais robusta, especialmente ao considerar as vozes provenientes do hemisfério sul. Reconheço que a minha posição está ancorada no contexto do Norte Global, onde conduzo minhas pesquisas, sobretudo na Austrália. Portanto, essa dinâmica resulta na participação de indivíduos pertencentes a diversas etnias e raças. Ao conduzir processos de recrutamento, não se limitam apenas aos grupos de ascendência anglo-céltica europeia. Essa tendência é observada de maneira consistente na Austrália, o que se alinha ao meu cenário de pesquisa. Cabe ressaltar que minha atuação não se assemelha à de uma antropóloga que explora variadas culturas. Na realidade, sou uma socióloga cujo foco concentra-se na cultura e na sociedade australiana. No entanto, é inegável que tal abordagem precisa ser implementada. Deve-se intensificar os esforços nesse sentido. Acredito que é essencial estabelecer redes mais eficazes entre os ativistas da área de alimentação digital e os pesquisadores. Reconheço que, dada minha ausência de vivência nesse contexto ou idioma específicos, não estou em posição de oferecer sugestões concretas para tal empreendimento, mas é indubitável que esse processo necessita ocorrer. (Você poderia me recordar a primeira parte da pergunta, por gentileza?).

A primeira parte da questão era como você define o que é ativismo alimentar digital!

Digital? Como eu definiria ativismo alimentar digital? Bem, eu afirmaria que o ativismo alimentar digital engloba iniciativas que encontraram espaço por meio de dispositivos e plataformas de comunicação digitais. Entretanto, é importante destacar que, ao se examinar essa esfera, é inevitável observar predominantemente a dimensão digital, dado que tais manifestações frequentemente ocorrem nesses domínios. Os locais que vão desde aplicativos até mídias sociais fazem uso primordialmente de interfaces visuais básicas. Gostaria de salientar que a pesquisa através do *Google*, pelo menos no hemisfério norte - não posso emitir opinião acerca do Sul Global -, representa uma ferramenta simples amplamente utilizada por muitas pessoas para obter informações e serem direcionadas a sites eletrônicos. Isso me remete a um estilo mais tradicional de ferramentas de pesquisa, que ainda permanece em alta demanda. Portanto, a dinâmica não se limita apenas a inovadoras tecnologias emergentes, e tampouco se restringe ao âmbito dos robôs. Meus estudos têm indicado que as pessoas fazem uso de uma variedade de dispositivos digitais e tecnológicos, tanto modernos quanto mais tradicionais.

Tive o privilégio de integrar a comissão global de saúde, oportunidade que me permitiu interagir com diversos pesquisadores da África. Uma percepção que adquiri ao participar da referida comissão é o enfoque na promoção de tecnologias voltadas para a saúde dos jovens, particularmente no que tange à tecnologia digital. Entretanto, é importante reconhecer que aproximadamente metade da população mundial ainda carece de acesso à Internet. Nesse contexto, ao considerarmos exclusivamente as formas pelas quais as pessoas podem engajar-se com dispositivos digitais por meio da internet, corre-se o risco de negligenciar por completo a falta de acesso. Estamos, efetivamente, tratando de uma parcela substancial do globo terrestre. Portanto, isso é algo que sempre precisamos estar atentos.

Revisão: Ester Louback.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaríamos de agradecer ao Grupo de Pesquisa em Sociologia das Práticas Alimentares (UFRGS) e ao Grupo de Pesquisa em Cultura Alimentares Digitais.

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a entrevista não necessita de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: Deborah Lupton (Autora Entrevistada); Maycon NoreMBERG Schubert e Marília Luz David (Conduziram a entrevista com a autora Deborah Lupton); Daniel Coelho de Oliveira e Arthur Saldanha dos Santos (Participaram da entrevista, acompanharam o processo de tradução e revisão).

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

